11-IV-48
com Palota

Galeria de velhas figuras paulistas.
(cont.)

- fls. 43 -

CENTENÁRIO ~~DO NASCIMENTO~~ DE LEÃO CERQUEIRA, O ~~HOMEM~~, O ~~LAVRADOR~~,
O "CAIXA" DA FAMÍLIA.

CMF 2.110.4.17

Estava cogitando de escrever alguma coisa sobre Francisco Glicério e recordar alguns aspectos pouco conhecidos de sua atuação política - pouco conhecidos ou esquecidos - num outro aniversário da sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro a 12 de abril de 1916. Cedo, entretanto, o lugar dessa rememoração para um irmão do "General das 21 Brigadas", que, amanhã, completaria cem anos, Leão Cerqueira, seu irmão mais próximo em idade e a ele unido, não só pelos laços de sangue e do afeto na casa paterna, mas por intimidades e solidariedade de negócios, pois foi esse irmão o "caixa" da sociedade agrícola na qual Glicério entrou e da qual teria, sem dúvida, auferido lucros folgados, se os encargos da propaganda política não o tivessem obrigado a sair da sociedade, liquidar sua quota de capital e interesses e fazer dinheiro para pagar credores.

Registrando esse centenário, vou escrever hoje sobre Leão Maurício de Cerqueira Leite. Nasceu ele a 12 de abril de 1848, na fazenda "Pau d'Alho", situada na saída de Campinas, na estrada de Moji-Mirim, então de propriedade de seu pai, Antônio Benedito de Cerqueira Leite. Era o 1º filho do casal desse fazendeiro com Maria Zelinda da Conceição. Depois de frequentar, em Campinas, a mesma escola particular, do "mestre" Quirino do Amaral Campos, na qual também fizera o curso de primeiras letras o mano Chico, passou-se para o Seminário Episcopal de São Paulo e aqui teria, certamente completado o curso de segundas letras se não sobreviesse a morte do pai, em outubro de 1861. Antônio Benedito estava com a situação financeira comprometida e a viúva foi forçada a retirar os filhos das escolas que frequentavam: Glicério foi empregar-se numa tipografia dos irmãos Francisco e João Teodoro de Siqueira e Silva, de Campinas, e afo- bado durante vários meses, na impressão de rótulos de garrafas,

passando, pouco depois, a mestre escola dos filhos de Francisco de Paula Sales, pai de Campos Sales, na fazenda Santo Ignacio, situada em São João do Rio Claro. A fazenda "Pau d'Alho" fôra vendida a Joaquim Policarpo Aranha e passou depois à propriedade de Manuel Carlos Aranha, mais tarde Barão de Anhumas; o menino Leão foi, então, mandado para Itatiba, onde residia seu cunhado João Batista Passos, e ali fez sua iniciação prática na lavoura, revelando, desde então, extraordinária sagacidade para os negócios de fazenda e para a vida agrícola; tornando a Campinas, e já com mais de 20 anos, adquiriu, de sociedade com os irmãos Jorge Miranda, Antônio Benedito e Francisco Glicério, de Joaquim Bonifácio do Amaral, Visconde de Indaiatuba, uma sorte de terras no Banharão, termo de Jaú, comarca de Brotas, e ali abriu fazenda, assumindo a sua direção: como lembrança da fazenda em que nasceram, deram eles à nova situação agrícola o nome de Pau D'Alho. Os negócios correram, a princípio, muito bem e os sócios da firma Leão Cerqueira & Irmão, dos 400.000 cafeeiros que haviam plantado, colheram, numa das boas safras, perto de 60.000 arrobas. Em 1890, porém, retiraram-se da sociedade, Glicério e Totó Cerqueira. A sociedade continuou com Jorge Miranda e Leão Cerqueira e, apesar dos altos e baixos que assinalam a vida dos nossos fazendeiros, alargou o âmbito de suas atividades com a abertura de uma outra fazenda em São Simão, a fazenda "Santa Elisa", então entregue, diretamente, à gestão do dr. Jorge. Já cresceu rapidamente, emancipa-se de Brotas e, dentro de pouco tempo, sobrepujava largamente a antiga sede de comarca de que fôra termo. Leão Cerqueira, sem jamais cortar as amarras que o prediam à lavoura, porque era visceralmente um homem da gleba, entusiasmado por esse apaixonante corpo a corpo que é - ou era - a atividade agrícola, secundou a atividade política de Glicério e fundou, ainda no Império, o Partido Republicano de Jaú, em cuja presidência se conservou até a proclamação da República. Ali se casara com d. Amélia Ferraz, filha de Antônio Ferraz de Campos, neta do Barão de Cascalho e aparentada, por essa ascendência com

velhos e conspícuos troncos paulistanos. A família foi crescendo e Leão Cerqueira, depois de vender a propriedade agrícola de Jaú, retornou a Campinas e ali se fixou até a morte.

Voltou a ser fazendeiro em sua terra natal ali adquirindo a fazenda "São José do Atibaia" que, em tempos remotos, fizera parte de uma sesmaria de propriedade de seu avô, Antônio Benedito de Cerqueira César. A terra natal exercia, após um decurso de tantos anos, essa força invencível, que parece uma emanção profunda do seu seio. Em Campinas, nesse segundo período, voltou também a "fazer política", na composição de um dos diretórios do P. R. P., com Bento Quirino dos Santos, Manoel de Moraes, Luís J. Pereira de Queirós, Luís de Queirós Teles e Antônio Corrêa de Lemos. Seu ponto predilêto era o "café de Bento Quirino" ou, mais vulgarmente, o "café de Nho Bento". A fazenda de Campinas era situada em terras de bom teor, mas já cansadas, pelo que, certa vez, chasqueando com ele, um dos amigos estranhava que lavrador tão atilado largasse a fazenda do Jaú, de terras melhores, e viesse instalar-se, de novo, em Campinas, em zona velha e esgotada. Leão Cerqueira, que era como todos os irmãos, de inteligência pronta e com tiradas espirituosas, atalhou o crítico com presteza: "Terra de fazenda é como gente de fazenda; sendo de boa qualidade, e com trato, não envelhece... Além disso, eu tenho aqui plantado o meu "imbigo" e é aqui que espero morrer"...

Não esperou muito, pois a morte o surpreendeu em outubro de 1907, quando não atingira 60 anos. E tinha ainda, no aspecto e na atividade, uma energia que autorizavam a esperar vida mais dilatada, ao menos por um decênio.

o o o

Nas grandes irmandades, como essas da velha gente brasileira, em que a duzia de filhos era normal nos casais pro-

líficos, alguns se faziam notados pela sagacidade nos negócios, outros pelo pendor para os estudos, a política ou a vida intelectual, e outros para o gozo fácil da vida, em aventuras amorosas, cavalhadas, ou excursões vadias e sem rumo definido, em terras européias, com sede forçada nos cabarés parisienses. E um outro desgarrava para a estroinice, ou para equivalentes desatinos.

Na "casa grande" de Antônio Benedito, (salvo um ramo que mostrava pendores para o parolho, acompanhando rapazes e velhos que, em Campinas e Itatiba se recrutavam entre as melhores famílias), seus descendentes em primeiro grau sempre se fizeram notados pela correção, pela ombridade, pela modéstia do trato, pelo apego à vida de família, pela agudeza da inteligência e pela inalterável bondade com que acolhiam quantos os procurassem. Nenhum desses ramos dos Cerqueira Leite foi dado ao cultivo do ódio ou do rancor, não obstante tivessem tido, pela vida afora, recontros severos, em política ou prejuizos avultados em negócios. Daquela irmandade, o mais conhecido e acatado, entre todos os irmãos, pela serena austeridade da sua vida e pela superior naturalidade com que subiu, das agruras da mocidade à fortuna e pela doce resignação com que retornou da fortuna para a pobreza, foi o dr. Jorge Miranda. O mano Glicério, como se sabe, foi sempre acatado, entre todos, pela argúcia política e pela tática de estrategista consumado em mover partidos, correligionários ou adversários, mesmo dos mais desabusados, encaminhando-os a um entendimento amistoso e pacífico, quando não afetuoso e cordial. Nunca soube guardar ódios, e recolher ressentimentos - e ele os teve tantos e tão profundos! - íntimo da alma. Sofria calado e não se sabe dele, nem nas mais acesas refregas, que tenha descambado para o insulto ou para o doesto em desagravo de injúrias recebidas. Leão Cerqueira diversamente era homem que, na opinião dos outros irmãos, enxergava longe na exploração agrícola e definia, após uma rápida e fugacíssima inspeção com os olhos, a qualidade da terra e o valor da cultura. Revelava mesmo, maior agudeza

do que o outro irmão agricultor, Júlio Cesar: percorrendo um espigão de lavoura, nova ou velha, abarcava com a vista as encostas dos morros e as baixadas, como esses fachos de holofotes que, na escuridão chicoteiam a paisagem e descobrem roças, atalhos e barrancos, dando ao viajante traquejado o rumo certo do caminho.

Na sociedade agrícola era ele o gerente e era também o caixa. Sabia resolver as situações difíceis, as aperturas de numerário e sabia resistir aos pedidos de adiantamento excessivos dos consócios. Falava, então, de cima para baixo, como costumavam falar os banqueiros aos impetrantes recidivos de prorrogações. Glicério chamava-lhe, frequentemente, o seu "Ministro da Fazenda", sem acrescentar que se tratava da fazenda "Pau d'Alho"...

Nesses assuntos ele era a voz que dicitava, porque, em situações angustiosas, como são essas que, frequentemente, oprimem os fazendeiros, era ele quem mobilizava o maquinário creditório e inventava arranjos para vencer o nó dos maus negócios. E tudo isso sem mostras de azedume ou afobação; ao contrário, com domínio sereno da refrega e, frequentemente, com tirada de bom humor para atalhar o azedo da situação.

Atribuía-se isso em parte à veia musical que lhe forrava o espírito, adoçando essas aperturas como costumam fazê-lo os boêmios da boa estirpe. Em sua mocidade, em Campinas, fez parte de um conjunto musical de amadores, por eles intitulado "Filorfenica", regida por José Pedro de Sant'Ana Gomes e na qual Leão Cerqueira se incumbia da parte de pistão. Foi conjunto afamado e dele fizeram parte Bento Quirino, Custódio Manoel Alves, Francisco de Araújo Roso, Rafael de Abreu Sampaio, Carlos Bressani, Joaquim Couto, Francisco Monteiro de Carvalho e Silva e outros rapazes do comércio e das melhores rodas campineiras. Leopoldo Amaral recorda essas façanhas musicais no seu livro de recordações da época.

Já em Itatiba fizera parte de uma outra corporação mu-

sical, a banda de "Santa Bárbara", na qual também sopravam instrumentos de metal, Antônio de Lacerda Franco, Tobias Franco e alguns rapazes com pendores musicais.

Foi, por isso tudo, figura interessante, homem de visão nos negócios e de indefectível apuro moral em todos os atos da vida. A terra, o cultivo da terra, o desbravamento do sertão, a abertura de lavouras de café em zonas novas, que ia varejando, em desafio às intempéries e ao desconforto, faziam repontar nele os ancestrais bandeirantes da grande árvore dos ~~Garcias Velhos~~, que era a da sua progênie, à qual pertenceram o desbravador de Mato Grosso, Pascoal Moreira Cabral e os ramos diversos do Maciéis Moreira César, Garcias e Alvarengas. Nos 60 anos de vida contava 40 de atividade na lavoura em chão paulista. Serviu bem sua terra, honrou sua gente e colaborou, com o despreendimento peculiar aos seus, nas jornadas cívicas da propaganda e nos trabalhos da política partidária, ao tempo em que esta se fazia com asseio de ideais e uma dignidade de processos cuja lembrança deveria servir de estímulo, exemplo e conforto aos homens que hoje se agitam descabeladamente, nesse escuso torvelinho.

São Paulo, 11-IV-1948